

Kierkegaard e a existência possível

ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS*

Resumo

A relação entre a existência e a possibilidade, objeto deste artigo, merece especial atenção quando se trata de Kierkegaard. Isso porque, estes dois conceitos ocupam papéis primordiais na filosofia do autor, constituindo, justamente, o ponto a partir do qual o pensador se distancia criticamente da tradição filosófica. Caracterizar sumariamente os conceitos de existência e possibilidade na filosofia de Kierkegaard, bem como ambientar o filósofo em sua época como um pensador da existência, para além do rótulo de “existencialista”, são nossos presentes objetivos.

Palavras-chave: Kierkegaard; filosofia da existência; existência; possibilidade.

Abstract

The relationship between the existence and the possibility, as the object of this article, deserves special attention when dealing with Kierkegaard. These two concepts have primary roles in the philosophy of the author because they constitute the point from which the thinker is distanced of the philosophical tradition. Characterize briefly the concepts of existence and possibility in the philosophy of Kierkegaard and acclimatize the philosopher in his time as a thinker of existence beyond the label of "existentialist," our present goals.

Key words: Kierkegaard; philosophy of existence; existence; possibility.



* **ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS** é Professor da Faculdade de Formação de Professores da UERJ – FFP-UERJ. Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

1. O pensador da existência em face da tradição

Até Søren Kierkegaard¹, o problema da existência esteve relegado à ontologia, esta que ainda tratava o ponto em face da distinção entre ser e ente. Desta maneira, qualquer existência seria um modo de atualização do ser em condições ônticas. Também a realidade humana, pensada segundo a categoria da *existentia*, estaria submetida a estas condições, o que fazia com que o pensamento que se ocupava da existência recorresse a uma antropologia caudatária do clássico modelo: *gênero supremo-diferença específica*.

Conhecedor dessa tradição – ainda que crítico dela – Kierkegaard deslocou a existência humana para o centro da filosofia, influenciando, assim, correntes como a *filosofia da vida* (com Dilthey e



Simmel) e o chamado *existencialismo* (com Jaspers, Heidegger e Sartre). Isso nos permite entrever a importância e influência deste pensador no panorama da filosofia contemporânea. Intriga, entretanto, constatar que a amplitude e atualidade desse pensamento sejam costumeiramente traduzidas em clichês. Por esse turno, Kierkegaard seria: “o primeiro

existencialista”, “o anti-Hegel” ou, apenas, “um existencialista cristão”.

Isso, no entanto, muito pouco ou quase nada diz do pensamento kierkegaardiano, afinal, sob a designação “existencialista”, ficam obscurecidos aspectos metódicos e estilísticos deste pensamento, como a ironia socrática, a dialética, a pseudonímica; conceitos existenciais por meio das quais essas ideias ganham corpo, bem como o contexto no qual o dinamarquês se perfaz. (KAHLMEYER-MERTENS, 2013) Acrescente-se, ainda, que aquela imprecisa classificação suscitaria a ideia de que o existencialismo teria uma orientação coesa de escola e uma forma supostamente unificada de tratar a existência, de tal sorte que “fala-se hoje em dia de existencialismo com uma certa obviedade e compreende-se por isso coisas bastante diversas, que não permanecem naturalmente sem um denominador comum, nem tampouco sem uma conexão interna.” (GADAMER, 2012, p. 235).

2. Menos um existencialista do que um pensador da existência

Por existencialismo entendemos uma maneira de filosofar que busca compreender a realidade humana usando

¹ Søren Aabye Kierkegaard: Filósofo, teólogo e psicólogo dinamarquês nascido em Copenhague, em 5 de Maio de 1813. Notorizou-se por suas críticas severas contra o hegelianismo imperante em sua época. Pensador religioso, fez objeções diversas ao cristianismo protestante (luterano) na Dinamarca. Abrangendo a dimensão estética, ética e religiosa, o pensamento de Kierkegaard desvendou a existência humana de maneira sem precedente. Sua vasta e eclética obra se divide em vários gêneros, são: tratados, romances, fragmentos e discursos que o próprio autor nomeava “edificantes”. Muitos destes trabalhos foram assinados por pseudônimos, com este recurso, mais que manter o anonimato, o filósofo desejava resguardar estilos e formas diversas de expor suas ideias. Entre suas principais obras estão: *O conceito de ironia* (1841), *Alternativa* (1843), *O conceito de angústia* (1844), *Migalhas filosóficas* (1846) e *O desespero humano* (1849). Kierkegaard morreu em sua cidade natal, em 11 de Novembro de 1855.

apenas aquilo que nossa própria existência fornece. Trata-se, portanto, de uma tentativa do homem, enquanto um existente, de tornar compreensível sua própria vida sem se valer de pressupostos estranhos ao existir.

Identificamos em Kierkegaard uma tentativa neste sentido, mas, diante dos muitos inconvenientes da nomenclatura (existencialismo), preferimos considerar Kierkegaard um filósofo comprometido com os problemas da existência, um filósofo da existência, antes mesmo que um “existencialista”.

Reconhecemos, contudo, que isso continua sendo pouco, pois não conquistaremos clareza quanto ao que significa ser um filósofo da existência até que determinemos mais exatamente o que a existência significa e o contexto no qual tê-la em pauta faz sentido. A questão da existência, tal como abordada por Kierkegaard possui um contexto que necessita ser minimamente caracterizado.

Toda a filosofia existencial de nosso filósofo vem em resposta ao cacoete academicista que se implantara a partir de certa interpretação do kantismo nas universidades europeias, bem como às correntes idealistas que desta derivam. (BRANDT, 1963) Especialmente na Alemanha, mas também na Dinamarca, a filosofia havia se reduzido a uma disciplina escolar predominantemente técnica que, amparada pela lógica, aplicaria conceitos na elaboração de sistemas fechados por meio dos quais a verdade do real seria necessariamente deduzida como saldo de um processo. (TUYÊN, 1971)

Tal sistematização, no decurso da história, atingiu sua máxima expressão com Hegel, filósofo para o qual, *grosso modo*, a verdade poderia ser obtida na dialética de figuras inerentes ao espírito humano, que daria conta de um saber absoluto

(resultando em uma síntese total de áreas do saber, por exemplo: a religião, a estética e o direito...).

Sem que passassem despercebidas, as ideias de Hegel, naquele momento, dividiam opiniões. Tanto na Berlim em que Hegel fora lente (a mesma na qual Kierkegaard fora acadêmico), quanto na cena intelectual de Copenhague, havia adeptos e entusiastas da filosofia sistemática, bem como críticos proporcionalmente intransigentes, entre os quais se identifica o próprio Kierkegaard. (WESTPHAL, 1998)

3. A existência em lugar do sistema

Uma das mais agudas objeções filosóficas de Kierkegaard a Hegel atém-se ao fato de esta sistemática conferir inferior importância ao indivíduo, transformando-o em um gênero. Isso porque, na filosofia hegeliana, o indivíduo é elemento integrante do sistema no qual sua existência individual só poderia ser determinada objetivamente, mediante a lógica do mesmo. O dinamarquês protesta contra esta generalização abstrativo-formalista, analítico-explicativo e lógico-causal.

Ora, para Kierkegaard, uma filosofia que, partindo de uma figura racional e orientada por requisitos de rigor, defende uma ideia de indivíduo restrita a um sistema, fica aquém do que seria o mais decisivo: a experiência do indivíduo, enquanto espírito, e a existência, como caráter vital deste. Por isso, Kierkegaard compreende não haver sequer vestígios de existência viva e singular no sujeito vigente nos sistemas filosóficos, crítica incisiva que caberia também a boa parte da tradição do pensamento moderno. Isso porque o pensamento puro logicamente orientado, embora seja indiscutivelmente capaz de nos explicar o espírito de modo objetivo, não poderia nos colocar no lugar desde o qual seria possível experimentar e

comunicar a instância instituinte da vida do espírito.

Em diversos momentos de sua obra, Kierkegaard declara suas pretensões filosóficas: corrigir as distorções de sentido que a tradição de pensamento europeu inflige a si mesmo. (KIERKEGAARD, 1950) Tal empreendimento toma corpo com a apropriação da verdade no âmbito existencial que lhe seria próprio. Tal aspiração testemunha o caráter positivo do pensamento de Kierkegaard, evidenciando que sua filosofia não consiste puramente numa oposição a Hegel. (WESTPHAL, 1998) Fica claro, afinal, que embora o alemão tenha sido assumido como um “bode expiatório”, a problemática que o dinamarquês confronta pertence à tradição.

Ao contrário da filosofia de sua época, que ainda se serve de uma concepção ordinária de subjetividade, não há qualquer substancialidade na experiência humana descrita por Kierkegaard. Para este, o homem seria “uma síntese de finito e de infinito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, seria, em suma, uma síntese. (...) Sob este ponto de vista, um eu não há ainda.” (KIERKEGAARD, 2010, p. 25) A existência humana consiste, assim, em tal relação, e, para além dela, o homem ainda não seria um eu, ou seja, não possuiria determinações. Vê-se, daí, que é da existência que o homem retira sua essência; que, ao homem, nada precede o existir; que tal existência se faz como um contínuo exercício. Deste modo, como nos diz Le Blanc (2003): “O existir é contingência absoluta: o existir não conhece outra necessidade a não ser a das escolhas exigidas por um existir livre sem determinação” (p.48). Nesta dinâmica existencial, o homem enfrenta os riscos que o nada (enquanto ausência de determinações) oferece, e se expõe às

múltiplas possibilidades de se ser. Destarte, a existência para Kierkegaard é algo que se conquista a cada instante. É possível compreender a existência aqui como um contínuo vir a ser, o incansável trabalho de realizar suas possibilidades.

4. Da existência enquanto possibilidade de ser

Indissociável da existência é a possibilidade de ser. Para a filosofia kierkegaardiana, tal possibilidade é mais do que um item formal no rol das categorias kantianas, ela subministra tudo que o homem poderia ser na existência. Assim,

o “possível” de Kierkegaard não remete a um juízo sobre o advir das coisas ou sobrevir de um estado de coisas, mas caracteriza o *existir* do homem. (...) A vida do homem é *existência*, é relação com o mundo e com os outros; é preocupação com sua sobrevivência, é antecipação e projeto, desenvolvimento de um programa que está se escrevendo (...) (LE BLANC, 2003, p.48)

Como existente possível, o homem não apenas se apodera de sua condição de vivente, quanto projeta e decide os modos com que se articulará com os sentidos que lhe seriam próprios e autênticos; (KIERKEGAARD, 2010) da mesma maneira, determina paradigmaticamente como nos colocaríamos diante dos problemas filosóficos que as circunstâncias existenciais suscitariam.

Para Kierkegaard, por não possuir determinações essenciais (como quiddidade, subjetividade ou realidade), o espírito humano seria uma contínua síntese entre o universal e o particular, entre infinito e finito, entre o eterno e o temporal, entre o possível e o realizado. (WYSCHOGROD, 1954) Tal síntese se concretiza na existência, é neste comportamento que o homem se torna quem é, dizendo de modo claro, o homem

é aquele que se engendra na existência e apenas nela pode compreender a si mesmo.

Conclusões

A filosofia de Kierkegaard toma a existência como ponto de partida. Procura, com isso, corrigir posições da filosofia tradicional que submetia a existência humana ao domínio da ontologia; esta que, por meio de uma sistemática elaborada com o auxílio da lógica, reduzia a existência a uma categoria (ressalte-se a improcedência de tentar explicar a existência pela lógica do sistema).

Ao trazer a existência ao centro das questões da filosofia, Kierkegaard inaugura um modo novo de se pensar: pensamento existencial que influencia especialmente os filósofos do século XX. Tal filosofia possibilitaria uma retomada de posição que, ao abrir perspectivas inusitadas, renova a filosofia contemporânea de maneira decisiva, mesmo perante as exigências mais elevadas.

Mesmo diante do contributo às filosofias da existência observa-se, que a designação de “existencialista” é inadequada ao pensamento do dinamarquês, isto porque, muitos aspectos decisivos de tal pensar ficam negligenciados sob esta ambígua classificação.

O conceito de existência, tal como compreendido por Kierkegaard, não constitui um modo de ser categorial, afinal, (como diria o filósofo) a existência humana não possuiria qualquer substancialidade, sendo produto de uma síntese ontológica marcada pelo caráter dinâmico de ser (vir a ser). Existir seria, assim, o exercício de tornar-se o ser que se é, de ser na dimensão de um possível que determina quem somos e os modos com os quais o pensamento pode se haver com tal possibilidade de ser.

Ao fim, se algum aprendizado levamos da presente abordagem de Kierkegaard, este se resume no fato de qualquer tentativa de pensar filosoficamente o humano posteriormente a este filósofo depender de um diálogo íntimo com a verdade que emana da existência, como nos assinala o dinamarquês.

Referências

- BRANDT, F. **Søren Kierkegaard**. Trad. Pierre Martens. Copenhagen: Det Danske Selskab, 1963.
- GADAMER, H-G. Existencialismo e filosofia da existência. **Hegel-Husserl-Heidegger**. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 235-247.
- KAHLMAYER-MERTENS. R. S. Existência e possibilidade em Kierkegaard. **Filosofia – Conhecimento Prático**. São Paulo: Escala Educacional, v. 41, n. 1, p. 31-35, 2013.
- KIERKEGAARD, S. A. **Philosophical fragments or a fragment of philosophy**. Trad. David F. Swenson. Princeton: Princeton University Press, 1944.
- _____. **Point of View**. London: Oxford University Press, 1950.
- _____. **O desespero humano**. São Paulo, EdUNESP, 2010.
- LE BLANC. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação liberdade, 2003.
- ROBERTS, R. C. Existence, emotion, and virtue: Classical themes in Kierkegaard. **The Cambridge Companion to Kierkegaard**. London: Cambridge University Press, 1998. p. 177-206.
- TUYÊN, J. N. v. **Foi et existence selon Kierkegaard**. Paris: Aubier-Montaigne, 1971.
- WESTPHAL, M. Kierkegaard and Hegel. **The Cambridge Companion to Kierkegaard**. London: Cambridge University Press, 1998. p. 101-124.
- WYSCHOGROD, M. **Kierkegaard and Heidegger – the ontology of existence**. London: Routledge & Kegan Paul LTD., 1954.

*Recebido em 2013-05-08
Publicado em 2013-05-13*